



## *O milagre de Natal de Jonathan Toomey*

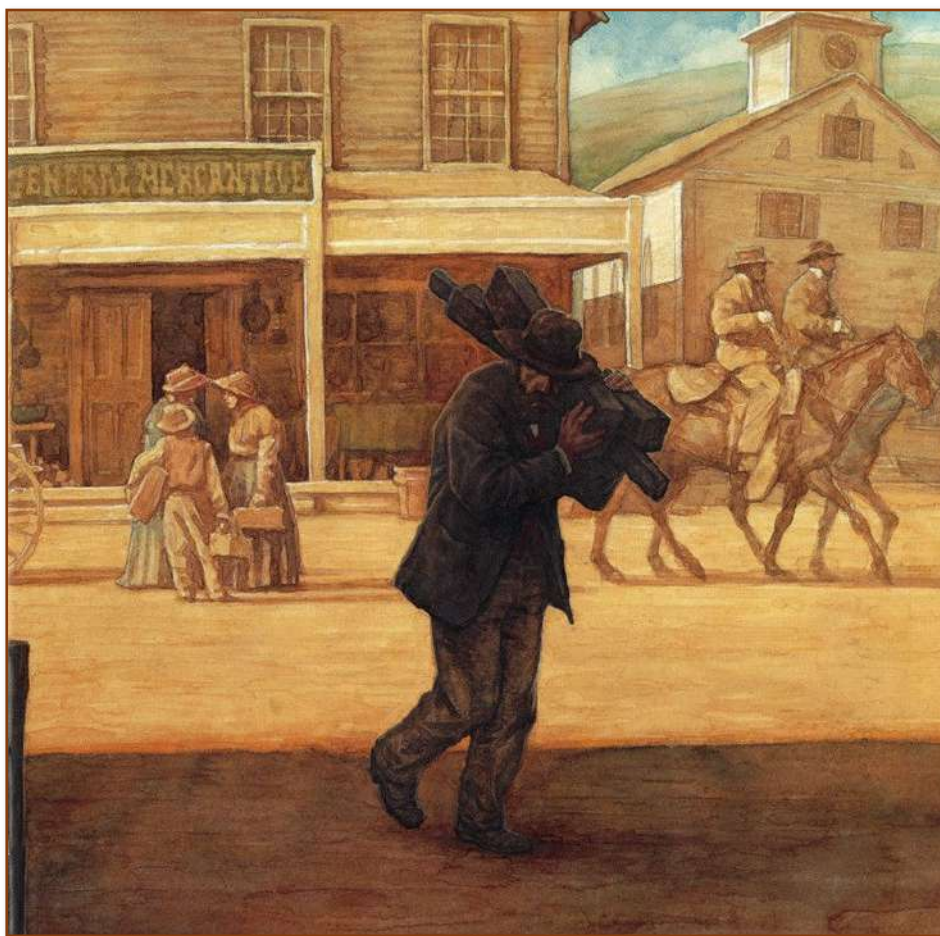
As crianças da aldeia chamavam-lhe Senhor Gloomy<sup>1</sup>, mas, na realidade, o seu nome era Toomey, Jonathan Toomey. E embora não seja nada delicado pôr alcunhas às pessoas, aquela fazia todo o sentido, pois Jonathan Toomey raramente sorria e nunca se ria. Murmurava, resmungava e queixava-se. Queixava-se de que os sinos da igreja tocavam com demasiada frequência, que os pássaros cantavam alto de mais, e que as crianças faziam muito barulho a brincar.

O Senhor Toomey esculpia madeira. Alguns diziam mesmo que era o melhor entalhador de todo o vale. Passava os dias sentado numa bancada a esculpir belas formas

---

<sup>1</sup> "Gloomy" em inglês quer dizer "sorumbático".

a partir de blocos de pinheiro, nogueira e castanheiro. Depois do jantar, sentava-se numa cadeira de espaldar junto da lareira, a fumar cachimbo e a contemplar as chamas.



Jonathan Toomey não era um homem velho, mas caminhava curvado e fitava permanentemente o chão. Era difícil ver os seus olhos azuis-claros, ou contemplar a covinha do seu queixo, uma vez que o seu rosto estava praticamente escondido por uma barba mal cuidada, salpicada de serradura e aparas de madeira.

As pessoas da aldeia não sabiam que havia uma razão para o seu desânimo, uma razão para os seus resmungos, uma razão para ele andar como se carregasse um grande peso sobre os ombros. Alguns anos antes, quando Jonathan Toomey era um homem jovem, cheio de vida e de amor, a sua mulher e o seu bebé tinham ficado muito doentes. E porque aquela era uma época em que não existiam hospitais, medicamentos nem médicos especializados, ambos tinham morrido com três dias de diferença. Jonathan Toomey arrumou todos os seus pertences numa carroça e viajou até as suas lágrimas pararem de cair. Decidiu, então, instalar-se numa casa minúscula à beira de uma aldeia, e fazer ali as suas esculturas em madeira.





Um dia, no início de dezembro, alguém bateu à porta de Jonathan. Resmungando e murmurando, decidiu ir abrir a porta e deparou-se com uma mulher e um rapaz.

— Eu sou a viúva McDowell. Cheguei há pouco à aldeia e este é o meu filho, Thomas — apresentou-se a mulher.



Tenho sete anos e já sei assobiar — gabou-se Thomas.

— Assobiar é um disparate — disse o escultor com aspereza.

— Preciso de umas esculturas suas — disse a mulher, ignorando o comentário dele.

Em seguida, explicou-lhe que queria um conjunto muito especial de figuras de Natal que o avô tinha esculpido para ela quando era ainda criança.

— Quando me mudei para aqui, dei pela falta delas — disse. — Esperava encontrá-las de novo, mas esse milagre não aconteceu.

— Não existem milagres — declarou o escultor de madeira. — Poderia descrever-me as figuras?

— Havia algumas ovelhas — disse ela.

— Duas ovelhas com lã encaracolada — acrescentou Thomas.

— Sim, duas ovelhas, — concordou a viúva — uma vaca, um anjo, Maria, José, o Menino Jesus, e os Reis Magos.

— Três reis — frisou Thomas.

- Será que pode aceitar a encomenda? — perguntou a viúva McDowell.
- Posso.
- Agradeço-lhe. Quando acha que a terá pronta?
- Estará pronta quando estiver pronta — respondeu o entalhador, com brusquidão.
- Mas eu tenho de ter as figuras até ao Natal, pois nunca passei um Natal sem elas.
- O Natal é um disparate — exclamou Jonathan, e fechou a porta.

Na semana seguinte, mãe e filho regressaram. A resmungar, ele foi abrir a porta.

— Peço desculpa, mas o meu filho tem estado a implorar para o ver trabalhar. Diz que quer ser escultor de madeira quando crescer, e gostaria de aprender o ofício consigo, uma vez que é o melhor entalhador de todo o vale.

— Prometo que me vou portar bem. O senhor nem vai dar pela minha presença — assegurou Thomas.

Murmurando um comentário rabugento que ninguém percebeu, o escultor afastou-se para os deixar entrar. Apontou para um assento perto da sua bancada de trabalho.

— Não falas, não te mexes e não fazes barulho — ordenou, dirigindo-se a Thomas.

A viúva McDowell ofereceu ao Senhor Toomey um pão de milho quente em sinal de agradecimento. Em seguida, tirou o seu tricô de uma bolsa e foi sentar-se numa cadeira de baloiço no canto mais afastado da casa.

— Desculpe, mas não quero ninguém sentado nessa cadeira! — bradou o escultor.





Sem proferir palavra, a viúva mudou-se para a cadeira de espaldar junto da lareira. Thomas sentou-se, imóvel. Quando sentiu vontade de espirrar, apertou o nariz com os dedos até lhe passar a vontade. Quando sentiu comichão numa das pernas, contou até vinte para se abstrair. Passado algum tempo, porém, clareou a garganta e sussurrou:

— Senhor Toomey, posso fazer uma pergunta?

O entalhador olhou fixamente para Thomas, encolheu os ombros e resmungou. Thomas decidiu que isto significava um “sim” e prosseguiu.

— Está a esculpir a minha ovelha?

O escultor acenou com a cabeça e resmungou de novo. Depois de um longo silêncio, Thomas sussurrou:

— Senhor Toomey, o senhor não está a esculpir bem a minha ovelha.



As agulhas de tricotar da viúva McDowell deixaram de trabalhar e a faca de Jonathan Toomey parou de esculpir. Thomas continuou:

— Não há dúvida de que é uma ovelha muito bonita e encaracolada, mas as minhas ovelhas tinham um ar feliz.

— Isso é um disparate — disse o Senhor Toomey. — As ovelhas não passam de ovelhas. Não lhes compete serem felizes.

— As minhas eram felizes. Sabiam que estavam com o Menino e isso fazia-as felizes.

Depois deste comentário, Thomas ficou calado durante o resto da tarde. Quando os sinos da igreja tocaram as seis horas, o Senhor Toomey resmungou por causa do barulho, e a viúva McDowell disse que era tempo de irem embora. Thomas agradeceu ao escultor de madeira o ter-lhe permitido estar presente.

Nessa noite, após uma ceia de pão de milho e batatas cozidas, o escultor sentou-se no banco, pegou na faca e na ovelha, e trabalhou até as suas pálpebras se fecharem.

Uns dias depois, mãe e filho bateram de novo à porta do Senhor Toomey, e este voltou a abri-la a resmungar.

— Posso vê-lo trabalhar? — perguntou Thomas. — Prometo que não faça barulho.

O rapazinho sentou-se no banco silenciosamente, enquanto a mãe colocava um cesto de pãezinhos de passas sobre a mesa.

— O bule ainda está quente — disse o Senhor Toomey com alguma brusquidão, conservando a cabeça inclinada sobre o trabalho.

Enquanto o Sr. Toomey esculpia, a viúva McDowell serviu chá. Em seguida, tocou suavemente no ombro do entalhador, e colocou uma chávena de chá e um pãozinho ao seu lado. Ele fingiu não reparar, mas tanto o prato como a chávena acabaram por ficar vazios.

Thomas tentou comer o pãozinho que a mãe lhe tinha dado o mais silenciosamente possível. Contudo, aos sete anos, é quase impossível comer um pãozinho de uvas passas quente e pegajoso sem lambe-los e emitir um ruído de satisfação.

Depois de ter comido o pão, Thomas tentou ficar em silêncio. Para evitar um soluço, respirou fundo e susteve a respiração até a cara ficar vermelha. Outra vez, quando começou a balançar as pernas, parou imediatamente mal viu o olhar que o escultor lhe lançou. Manteve-as tão quietas que elas até adormeceram.

Após algum tempo, Thomas sussurrou:

— Senhor Toomey, posso fazer uma pergunta?

Ouviu-se um resmungo.

— Está a esculpir a minha vaquinha?

Ouviu-se um novo resmungo.

Passado muito tempo, Thomas clareou a garganta e disse:

— Senhor Toomey, tenho de lhe dizer uma coisa. Essa é a vaca mais bela que já vi, mas não tem bom aspeto. Sabe, a minha vaca sentia-se encantada.

— Isso é um disparate — disse o Senhor Toomey. — As vacas não passam de vacas. Não lhes compete sentirem-se encantadas.

— Mas a minha vaca sentia-se assim, porque o Menino ia nascer no seu estábulo.

Depois de ter feito este comentário, Thomas decidiu ficar calado durante o resto da tarde. Os únicos sons que se ouviam eram o raspar da faca de esculpir e o estalido das agulhas de tricotar da viúva.

Quando os sinos da igreja tocaram as seis horas, o Senhor Toomey resmungou por causa do barulho, e a viúva McDowell disse que era tempo de irem embora. Thomas agradeceu ao escultor o ter-lhe permitido estar presente.

Nessa noite, depois de um jantar de batatas cozidas e pãozinhos de passas, o escultor sentou-se no banco, pegou na faca e trabalhou a vaca de Thomas até as pálpebras se fecharem.

Uns dias depois, mãe e filho bateram de novo à porta do Senhor Toomey, que alisou o cabelo antes de ir atender.

— Posso vê-lo trabalhar? Prometo que não faça barulho — disse Thomas.

Quando a viúva McDowell aqueceu o chá e colocou um prato de bolachas de melão fresco na bancada de trabalho, Thomas viu que o escultor trabalhava a figura de um anjo.





Passado algum tempo, Thomas disse:

— Senhor Toomey, está a esculpir o meu anjo?

— Estou. Podes fazer o favor de me dizer o que estou a fazer de errado?

— Bem, o meu anjo parecia um dos anjos mais importantes de Deus, porque foi enviado ao Menino Jesus.

— E como é que se faz um anjo parecer importante? — perguntou o Senhor Toomey.

— O senhor sabe. Afinal de contas, é o melhor entalhador do vale.

Depois de mais algum tempo, Thomas perguntou:

— Senhor Toomey, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Será que nunca te calas? — perguntou o entalhador.

— A minha mãe diz que não, e que eu bem poderia aprender consigo a virtude do silêncio.

A cara do escultor de madeira ficou rosada e o rosto da viúva McDowell ficou tão vermelho como o lenço que tricotava.

— O que querias perguntar-me?

— Pode ensinar-me a esculpir?

— Sabes, sou um homem muito ocupado — resmungou o Senhor Toomey, pousando o anjo. — Mas podes esculpir um pássaro.

— Eu gosto muito de piscos — disse Thomas.





Com um pedaço de carvão, o escultor desenhou um pisco sobre um pedaço de papel pardo. Em seguida, entregou a Thomas um pequeno bloco de pinho e uma faca. Mostrou-lhe como abrir os cantos do bloco e arredondar as bordas da madeira. Thomas esforçou-se por copiar os gestos do escultor, e até mesmo a sua postura.

Quando os sinos da igreja tocaram as seis horas, Jonathan Toomey não os ouviu a tocar, porque estava a segurar a mão de Thomas na sua, guiando a faca ao longo da borda de uma asa. A viúva McDowell disse que tinham de ir embora, Thomas escovou as aparas de madeira da sua camisa. Depois estendeu a mão e limpou dois pedaços de madeira raspada da barba de Jonathan Toomey. Por fim, agradeceu ao escultor de madeira o tê-lo ensinado a esculpir.

Mais tarde, após um jantar de batatas cozidas e bolachas de melado, Jonathan Toomey foi para a sua bancada de trabalho. Refletiu durante bastante tempo, e esboçou desenho após desenho. Finalmente, pegou na sua faca de esculpir e no anjo, e esculpiu até as suas pálpebras se fecharem.

Uns dias depois, mãe e filho bateram de novo à porta do Senhor Toomey, que foi a correr abrir a porta.

A viúva McDowell trazia uma braçada de ramos de pinheiro e de azevinho salpicado de bagas. Thomas trazia na mão o pisco parcialmente esculpido.

Enquanto Thomas e o Senhor Toomey esculpiram, a Sra. McDowell colocou os ramos numa jarra com água. Esfregou a mesa da cozinha e colocou a jarra no centro, sobre um bonito pano bordado com lírios do vale e margaridas, que encontrou numa gaveta por baixo do armário.

— Vou esculpir agora os Reis Magos e José — disse o escultor a Thomas. — Antes de começar, talvez me possas dizer que erros não devo cometer.

— Bem — disse Thomas — os meus Reis Magos estavam a usar as suas vestes mais maravilhosas porque iam visitar o Menino, e o meu José estava inclinado sobre ele como se o estivesse a proteger. Tinha um ar muito sério.

Só depois dos sinos da igreja terem tocado e de a viúva e o seu filho se prepararem para sair é que o Senhor Toomey reparou na jarra, na mesa esfregada, e no pano bordado com lírios do vale e margaridas.

— Encontrei o pano numa gaveta. Pensei que ficaria bonito na mesa — disse a viúva McDowell, sorrindo.

— Não quero que volte a abrir essa gaveta — disse o escultor num tom magoado.

Depois de os dois terem partido, Jonathan guardou o pano.

Nessa noite, após um jantar de batatas cozidas, Jonathan Toomey trabalhou as figuras de José e dos Reis Magos até as suas pálpebras se fecharem.

Alguns dias mais tarde, bateram à porta do escultor, que limpou as migalhas da barba e escovou a serradura da camisa. À porta estavam a viúva McDowell e Thomas.

Durante toda a tarde, Thomas ficou a ver o entalhador trabalhar. Quando chegou a hora de partir, Jonathan disse a Thomas:

— Estou prestes a começar as duas últimas figuras, Maria e o bebé. Podes descrever-me as tuas figuras?

— Esses eram os mais especiais de todos — disse Thomas. — O Menino sorria junto da sua mãe e Maria parecia amá-lo muito.

— Obrigado, Thomas — agradeceu o escultor de madeira.

— Amanhã é Natal. Acha que as figuras já estarão prontas? — perguntou a viúva McDowell.

— Estarão prontas quando estiverem prontas.

— Compreendo — disse a viúva, e entregou a Jonathan dois embrulhos. — Feliz Natal — desejou.

Jonathan cruzou os braços sobre o peito.

— Não quero presentes — disse contrariado.

— É exatamente por isso que estamos a dá-los — respondeu a viúva, colocando-os sobre a mesa e saindo.

Jonathan sentou-se à mesa. Lentamente, abriu o primeiro embrulho, que continha um cachecol vermelho, tricotado à mão, quente e brilhante. O escultor colocou logo o cachecol à volta do pescoço. O outro embrulho continha um pisco, rudemente esculpido em madeira de pinho. Jonathan sorriu enquanto passava os dedos por cima das asas inclinadas. Limpou a prateleira da lareira com a manga e colocou o pisco exatamente no centro, para poder vê-lo da sua cadeira.

Nesse dia, o escultor não jantou. Em vez disso, começou a esboçar as figuras de Maria e Jesus. Mas não conseguiu desenhar nem esculpir, e acabou por atirar os esboços e os pedaços de madeira para dentro da lareira, e sentou-se a olhar para as chamas.



Quando ouviu os sinos da igreja a anunciar a missa da meia-noite, levantou-se e abriu lentamente a gaveta que tinha dito à viúva para nunca abrir. Tirou o pano bordado com lírios do vale e margaridas, um xaile de lã e um lenço de renda. Tirou um pequeno cobertor branco de bebé e um pequeno par de meias azuis. Colocou cada peça suavemente no chão.



Do fundo da gaveta, tirou uma moldura lindamente esculpida em madeira castanha. Na moldura estava um desenho a carvão de uma mulher sentada numa cadeira de baloiço, segurando um bebé. Os braços do bebé estavam erguidos e tocavam o rosto da mulher. A mulher estava a olhar para o bebé, a sorrir. Jonathan sentou-se na cadeira de baloiço, segurou a fotografia contra o peito, e balançou-se lentamente, com os olhos fechados. Duas lágrimas rolaram-lhe pelo rosto. Quando finalmente levou a fotografia para a sua bancada de trabalho e começou a esculpir, os seus dedos trabalharam rápida e seguramente. Esculpiu durante toda a noite.

No dia seguinte, bateu à porta da viúva McDowell.

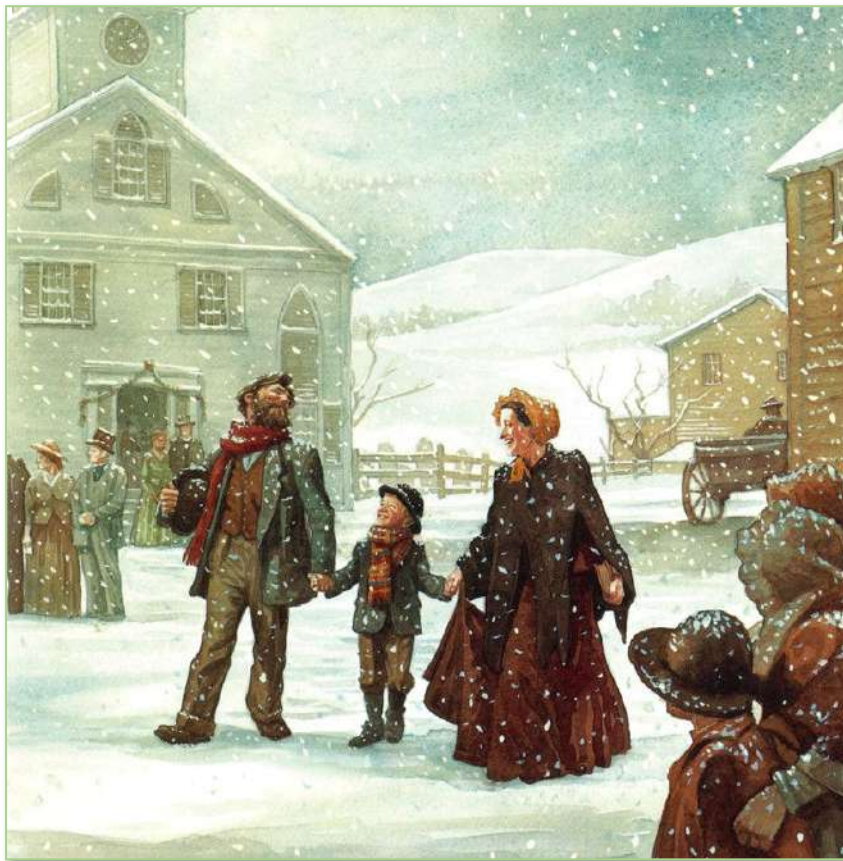
Quando ela atendeu, viu que o escultor de madeira tinha o cachecol vermelho ao pescoço e segurava uma caixa de madeira.

— Senhor Toomey! Mas que surpresa. Feliz Natal!

— As figuras estão prontas — disse ele.

Da caixa, Jonathan retirou duas ovelhas encaracoladas e felizes. Desembrulhou uma vaca com uma expressão encantada e um anjo envergando uma belíssima túnica. E desembalou três Reis Magos, envoltos em maravilhosos mantos, que caíam em ricas dobras. Desempacotou também um José

sério e atencioso, e uma Maria que usava um xaile de lã áspero e olhava de forma afetuosa para o seu filho. O Menino sorria e tentava tocar no rosto da mãe.



Nesse dia, Jonathan foi à missa de Natal com a viúva McDowell e Thomas. Nesse dia, no adro da igreja, as crianças da aldeia viram, finalmente, os olhos azuis de Jonathan e ouviram-no rir. E nunca mais ninguém lhe chamou Senhor Gloomy.

Susan Wojciechowski, P. J. Lynch (ill.)  
*The Christmas miracle of Jonathan Toomey*  
London, Walker Books, 1995  
(Tradução e adaptação)